

———— RESENHA —

LOPES, Luis Otávio do Canto. *Várzea e varzeiros da Amazônia*. 1. Ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2008.

AUTOR DA RESENHA: DIEGO CORRÊA FURTADO

Nesta resenha, comentarei a construção da argumentação de Luis Otávio do Canto Lopes na elaboração do texto do livro *Várzea e varzeiros da Amazônia*, investimento justificado pela importância da análise sobre a vida dos varzeiros da Amazônia.

É importante destacar de imediato as oscilações do autor na elaboração do objeto de análise. Logo na introdução, o autor informa que seu objetivo foi investigar as formas de reprodução espacial de Vila Vieira, uma comunidade localizada em área de várzea, em Óbidos (Pará), tendo como eixo o trabalho familiar em diferentes atividades socioeconômicas, relacionado assim ao uso múltiplo dos recursos naturais. Apesar de o autor referir-se à “reprodução espacial de Vila Vieira”, de fato ele aborda a *reprodução social em Vila Vieira*, enfatizando a contribuição para valorização dos conhecimentos sobre a várzea.

O autor caracteriza os varzeiros, mas também as carências por eles enfrentadas (saúde, educação, escoamento da produção etc.), justificando a realização de seu trabalho pela necessidade de conhecer a dinâmica das comunidades amazônicas para propor e executar projetos eficazes de desenvolvimento regional. Com tantas intenções, o autor investe pouco na problematização do tema, ação eclipsada pela exposição de conceitos e problemas individualizados. Em determinados momentos da leitura, torna-se então difícil entender se o objeto formulado pelo autor é a reprodução social ou o modo de vida.

No primeiro capítulo, “Várzea”, o autor apresenta diferentes significados para “igapó”, “várzea” e “terra firme”, e caracteriza a várzea do rio Amazonas, no trecho próxi-

mo a Óbidos, comentando acerca das fortificações e simbolismos inerentes à relação homem-natureza. Em seguida, o autor caracteriza os principais tipos de paisagens da várzea amazônica (paraná, restingas e bacias de lagos rasos). A explanação prossegue com a abordagem da fertilidade do solo, promovida pelo rio Amazonas, que possibilita a ocorrência da biodiversidade encontrada no ambiente, beneficiando os varzeiros. O autor discute enfim os períodos de cheia e estiagem, demonstrando as alternativas criativas dos varzeiros para driblar as adversidades.

Após essas caracterizações gerais, o autor analisa as peculiaridades da centenária Vila Vieira, sistematizando os atributos definidores de certo mito de origem: sua denominação teria sido adotada após a construção da capela, em 1962, cujo terreno foi doado à igreja, sendo necessária a constante reconstrução da mesma, devido ao decaimento da margem do rio (fenômeno da terra caída). O autor alerta que a devoção coletivamente prestada à santa foi vital para construir a unidade espacial de Vila Vieira.

No capítulo “Família varzeira”, o autor define a família a partir da concepção patriarcal que ordena as pessoas do Baixo Amazonas: grupo formado por parentes consanguíneos e afins. São citadas regras de formação do casal, arranjos matrimoniais e desigualdade entre sexos, porém ele não discute o parentesco, apesar de reconhecer a pertinência do assunto. Informa a composição populacional de Vila Vieira, de maioria masculina, que, pela visão local, ocorre pela saída das meninas para estudarem e seu retorno limitado. Também há poucos idosos, devido à baixa expectativa de vida (relacionada ao trabalho prematuro e desgastante) e migrações.

O autor então enfatiza as condições para a reprodução varzeira (posse da terra e água de trabalho) e discute a concentração de terras, em grande parte amparada em princípios de violência física. Enquadrada como recurso de reprodução social, o autor discute a questão do assalariamento em Vila Vieira, que é temporário e sem caráter de exploração. Vila Vieira se configura pelo uso produtivo e social da terra, categorizada como terra de trabalho, havendo relação estreita entre o trabalho e as formas de solidariedade (trabalho delineado pelas demandas sociais da vida comunitária). Neste tópico, o autor ainda trata da casa e do trabalho nesta, citando influência indígena no padrão de construção de habitações. A casa é vista como expressão da luta da unidade familiar pela sobrevivência. Tópicos como trabalho feminino, tempo de trabalho, consumo (importância da farinha e peixe) e produção familiares também são, por essa perspectiva, contemplados.

Quanto à atividade produtiva dos varzeiros, o autor informa que a criação extensiva de gado nas várzeas amazônicas é uma prática muito

antiga; em Óbidos, pode ser pequena ou média. Em Vila Vieira, alguns varzeiros tratam gado como poupança (gadinho). A criação de animais atende primeiramente ao consumo familiar. As terras de trabalho ora são de pasto, ora são agrícolas, de forma complementar. Em relação à atividade agrícola, a diferença de roça e roçado decorre da presença da mandioca, mas não há marcante divisão sexual do trabalho. O produto está voltado para o autoconsumo e o excedente para o mercado.

Em seguida, o autor oferece excelente contribuição ao analisar a pouco estudada produção social da juta. A introdução da juta na várzea aqueceu os negócios. Sua produção e circulação em Vila Vieira se desenvolveram principalmente dentro das relações de patronagem e compadrio, que levavam à realimentação de dívidas. Depois, o Banco do Brasil foi integrado como agente financiador, enfraquecendo a antiga patronagem. Simultaneamente ao declínio da juta, expandiu-se a pesca artesanal, antes complementar e sem caráter predatório; atualmente é agregada às demandas comerciais regionais. Por isso se tornou predatória, e os próprios varzeiros disponibilizam sua principal fonte de proteínas para o mercado.

A pesca, abordada no último capítulo, é facilitada pelo ambiente hidrológico rico e complexo do Baixo Amazonas. As variações de verão e inverno afetam a performance dos pescadores e a pesca predatória aumenta o desconforto vivenciado. Há trabalho feminino na construção e conservação dos equipamentos de pesca, e existem três categorias correspondentes aos princípios de organização social da produção: pescadores polivalentes, monovalentes e marreteiros/ geleiros. A pesca pode ser dividida em pesca de casa (voltada para o autoconsumo, calçado na solidariedade) e pesca de gelo (voltada para a venda, com utilização de barcos denominados geleiras). Em Vila Vieira, as organizações de pescadores de pesca de gelo são: pescadores de geleiras, pescadores de barquinhos e bajara e pescadores não motorizados.

Sistematizada a apresentação dos capítulos do texto, refletirei sobre aspectos metodológicos que orientaram o autor, tanto na realização da pesquisa, quanto na escrita do livro.

Em relação às questões conceituais, o autor se baseia em Karl Marx para definir o trabalho como diferencial do homem em relação aos demais animais (p.66). Todavia, assim o faz sem enfatizar a dimensão cultural e, assim, tomando os diversos eventos observados em termos de realidade objetivada e por termos reificados, atribuindo ações a instituições, objetos e instrumentos. Por exemplo: “Atualmente, a maior parte da comunidade faz uso do hipoclorito...” (p.87).

Tendo anunciado a incorporação de conhecimentos antropológicos, o autor está distanciado da proposta de Roberto Cardoso de Oliveira: a prática de olhar, ouvir e escrever, e da reflexão pelo diálogo com outros autores, visando à geração de conhecimento. Adota uma perspectiva miserabilista, como ocorre na introdução, quando o autor aponta carências dos comunitários de Vila Vieira, passando a impressão de que aquelas pessoas são vítimas, à revelia da opinião dos comunitários; ou, em determinados trechos, “folcloriza” os comunitários: “Muitos, para isso, utilizam cavalo, lanterna, lamparina, outros simplesmente a coragem e a astúcia de se defenderem principalmente de cobras venenosas, muito comuns na região” (p.84). Outra forma de caricaturar os comunitários é a grafia de palavras de modo análogo ao modo falado pelos varzeiros: depoimentos falados transmutados em escrita com deficiências de concordância facilmente relacionáveis à deficiência ortográfica. Este é um recurso de valor duvidoso, pois não representa uma forma de manifestação típica daquelas pessoas (escrita). Este recurso é utilizado, por exemplo, na grafia do termo “terra cricida” (p.39), que inclusive dificulta o entendimento de leitores estranhos a esse universo social.

As muitas ilustrações são recursos que tornam o livro bastante didático. Com leitura bem aprazível, o texto se configura como uma das poucas fontes de informação, nesse nível de detalhamento, sobre as condições de existência na várzea e os modos de vida dos varzeiros da Amazônia.